



fundamental para tratar câncer nos olhos, na cabeça ou mesmo no seio esquerdo (protegendo assim as coronárias) ainda não está disponível no Brasil, apesar de termos grupos de pesquisa, como o do Laboratório de Implantação Iônica da UFRGS, capazes de fazer avanços importantes na técnica. Infelizmente a lógica dos administradores públicos é que é mais simples deixar proliferar as terapias “fake quânticas” do que financiar uma terapia realmente quântica.

É espantoso o fato de haver tantos terapeutas e *coaches* que dizem entender tão bem da física quântica, enquanto os físicos precisam de anos de estudo para verdadeiramente compreendê-la. É ainda mais surpreendente que essas pessoas utilizem conceitos que só podem ser verificados no mundo microscópico para lidar com práticas completamente clássicas. Por que fazer isto? O uso indevido da marca física quântica é uma tentativa de usufruir da credibilidade alcançada pela ciência. A pseudociência não tem, no entanto, o compromisso de seguir os preceitos do conhecimento. Os terapeutas quânticos nunca dizem que experimento foi feito para corroborar o fenômeno quântico usado, não sabem o valor das energias envolvidas e como suposto fenômeno é capaz de promover saltos quânticos.

Em caso de dúvidas sobre algo ser quântico ou “fake” quântico, vale a regra: se o fenômeno não faz parte do mundo microscópico, não é quântico.

---

Déborá Peres Menezes é Professora Titular do Departamento de Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Diretora da Sociedade Brasileira de Física e coordenadora do Canal no Youtube “Mulheres na Ciência”.

Pedro Grande é Professor Titular do Departamento de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Coordenador do Laboratório Multiusuários de Implantação de Íons da UFRGS.

---